

“GLORIOSOS HERÓIS QUE CONQUISTARAM ESTA TERRA”: IDENTIDADE NACIONAL INGLESA NO POEMA A BATALHA DE BRUNANBURH

Isabela Oliveira Fedorovicz¹

Giulliano Bianchi Araújo²

Maria Eduarda Siqueira Leite³

Resumo: Ocorrida no ano de 937, a Batalha de Brunanburh figura como um dos marcos do estabelecimento de um reino inglês sob a casa de Wessex. Registrado no compilado da Crônica Anglo-Saxônica, o embate se torna objeto de uma análise literária no presente artigo, que busca articular as possíveis ligações entre o relato da batalha e a construção identitária inglesa no período medieval, a partir da observação de como o autor deste emprega o uso da retórica para fomentar a noção de valores que seriam inerentes a seu povo. Para tal, iniciamos o texto introduzindo o poema e as principais informações que temos sobre este e seu contexto de produção, seguidos por uma descrição do que foi a Batalha de Brunanburh e uma análise de seus agentes, para depois discorrer acerca da importância das caracterizações do poema para a identidade nacional inglesa. Por fim, apresentamos nossas considerações finais a respeito da elaboração identitária em Brunanburh a partir da transformação de reis e seus guerreiros em figuras heróicas.

Palavras-chave: Brunanburh. Identidade nacional. Wessex. Literatura medieval.

“GLORIOUS HEROES WHO CONQUERED THIS LAND”: ENGLISH NATIONAL IDENTITY IN THE POEM *THE BATTLE OF BRUNANBURH*

Abstract: The Battle of Brunanburh, which took place in 937, is one of the landmarks in the establishment of an English kingdom under the House of Wessex. Recorded in the Anglo-Saxon Chronicle, the battle is the subject of a literary analysis in this article, which seeks to articulate the possible connections between the account of the battle and the construction of English identity in the medieval period, based on the observation of how the author uses rhetoric to

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3299058061511310>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3465-9172>. Email para contato: isabela_oliveirafz@hotmail.com.

² Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3841990103095990>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1616-8854>. Email para contato: giullianobianch@gmail.com.

³ Graduanda em História pela Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1209428972673101>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1322-9847>. Email para contato: mariaesleite@gmail.com.

foster the notion of values that were inherent to his people. To this end, we begin the text by introducing the poem and the main information we have about it and its context of production, followed by a description of the Battle of Brunanburh and an analysis of its agents, and then discuss the importance of the poem's characterizations for English national identity. Finally, we present our final considerations regarding the construction of identity in Brunanburh based on the transformation of kings and their warriors into heroic figures.

Keywords: Brunanburh. National identity. Wessex. Medieval literature.

1 Introdução

De acordo com Livingston (2021, p. 15), o poema *A Batalha de Brunanburh* foi escrito por um poeta desconhecido em um período próximo à batalha em 937 d.C, mas é debatido por historiadores se foi neste mesmo ano ou em anos posteriores, sendo preservado em diversas versões da *Crônica Anglo-Saxônica*, que propõe uma visão inglesa do conflito.

Durante o século IX, na Inglaterra Anglo-Saxônica, o rei da casa de Wessex, Alfred, promoveu uma reforma cultural e religiosa com o objetivo de restaurar a educação de sua aristocracia. Para tanto, foram traduzidas e produzidas inúmeras obras que poderiam ser relevantes para o contexto, sendo um desses textos a *Crônica Anglo-Saxônica*. A *Crônica Anglo-Saxônica* é um compilado de fontes escritas que visava construir uma história “inglesa” desde os tempos da Bretanha romana. No entanto, a Crônica como um todo não pode ser considerada como registro histórico fiel de eventos já que foi feita com a intenção de promover a própria casa de Wessex (Lapidge; Blair; Keynes; Scragg, 2014, p. 37-39).

O neto de Alfred, Athelstan, deu prosseguimento ao projeto do avô ao defender as fronteiras do reino e mantê-las, invadindo territórios se preciso. No ano de 927, a partir de uma reunião, a Nortúmbria, Escócia, Gales e os bretões, aceitam ser submissos a Athelstan, sendo ele, inclusive, o primeiro rei do sul a exercer controle sobre a Nortúmbria. Contudo, a partir de 930, esses territórios começaram a contestar seu domínio, fazendo com que, em 937, Athelstan liderasse seu exército no que ficaria conhecida como Batalha de Brunanburh, tendo um poema com o nome da batalha na Crônica Anglo-Saxônica para celebrar sua posterior vitória. Durante o artigo, será analisado o poema *A Batalha de Brunanburh* e suas implicações para o governo de Athelstan e para a construção de uma identidade nacional inglesa posterior.

Como metodologia, buscamos trabalhar com a literatura a partir de trechos do poema A Batalha de Brunanburh para identificar padrões de construções históricas e literárias pela consideração do contexto histórico da época, tanto da representação do poema como de sua escrita, entendendo a literatura como uma importante fonte histórica. Ainda que não represente um retrato fiel da contemporaneidade de seu autor, ela expressa a sua visão de mundo, visto que é a partir da escrita que um sujeito se insere na História, tal como defendido por Roland Barthes (1983). Dessa forma, o presente artigo opera a partir da análise do poema e do contexto histórico de sua escrita para compreender quais são os posicionamentos que o autor deixa implícitos ao longo de seu texto, e como tais colocações refletem a efervescência de uma identificação comum aos ingleses.

Em relação ao referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa, com fins de obter um aprofundamento no contexto de Brunanburh, nos apoiamos primeiramente na obra de Sarah Foot (2011), que constrói historicamente o processo de ascensão da casa de Wessex nos séculos IX e X até a coroação de Athelstan como “rei dos ingleses”, também identificando a formação de identidade cultural e política que acompanhava a expansão de Wessex desde os tempos de Alfred (Foot, 1996), e Livingston (2021), que elabora os fatos relacionados à batalha e a situação política à época desta, além de suas repercussões. Para analisar a estrutura do poema, foram utilizados os escritos de Bravo (1994), que objetiva entender a caracterização de personagens heróicos ao longo da poesia épica anglo-saxã, Hartman (2015), que realiza uma análise do propósito retórico e do estilo sintático deste e Neame (2016), que discute a possibilidade da evocação de uma espécie de “nacionalismo” em Brunanburh. Complementar ao supracitado, a produção de Davies (2004), que disserta acerca dos conceitos de nação e nacionalismo e sua aplicabilidade ao mundo medieval, foi empregada para compor nossa argumentação sobre identidade nacional.

2 A Batalha de Brunanburh

A organização política da Bretanha no século X parte de uma crescente expansão do Reino de Wessex até a formação de um reino unido sobre toda a Inglaterra. Essa sequência de eventos ocorre através de conflitos de reinos e povos diversos que se estabeleceram nesse espaço nos últimos séculos, como os anglos, saxões, daneses, galeses, escoceses, dentre outros povos. As invasões vikings no século IX e suas vitórias sobre os reinos da Nortúmbria, Mércia e Ânglia Oriental, levam ao estabelecimento do espaço político conhecido como *Danelaw*, contendo assentamentos



escandinavos e restando o reinado de Wessex na resistência dos anglo-saxões contra o avanço dos nórdicos (Foot, 2011, p. 11).

É nesta ocasião que Alfred ascende ao trono de Wessex e consegue vitórias militares sobre os vikings e reconquista parte do território do Reino da Mércia para os anglo-saxões novamente. Esse avanço segue com seus filhos Edward e Aethelflaed pelo restante da Mércia e Ânglia Oriental para, então, se completar no resto da Inglaterra com Athelstan no início do século X. É neste contexto que a batalha de Brunanburh no ano de 937 serve como o momento decisivo na manutenção deste novo reino inglês (Foot, 2011, p. 11-27). Como apontado por Foot:

Celebrado como um poema na Crônica Anglo-Saxã, a batalha de Brunanburh foi consequentemente o conflito militar mais decisivo no reinado de Athelstan [...] Pior que causar a morte do rei, a derrota levaria ao fim da estabilidade do extensivo, reino pan-ingles que Athelstan havia criado [...] Todas as conquistas militares do pai de Athelstan, Edward, sua tia Aethelflaed e seu tio Aethelred, em afastar os escandinavos do território inglês, estavam em jogo⁴ (Foot, 2011, p. 24).

Ou seja, perder a batalha de Brunanburh poderia significar o fim do projeto dos ancestrais de Athelstan de unir e libertar os anglo-saxões dos líderes nórdicos (Barrow; Wareham, 2008, p. 127-144). Esse projeto teria começado com Alfred, que muda o seu título de *rex Saxonum* (rei dos Saxões) para rei dos *Anglorum Saxonum rex* (rei dos Anglo-Saxões): o motivo é a conquista de territórios que pertenciam ao Reino da Mércia e a construção de um novo projeto político para justificar o controle sobre o povo mércio. Como apontado por Foot (1995, p. 25-28), Alfred usa do termo ‘*angelcynn*’ no sentido de se referir a uma identidade cultural que liga os saxões e os mércios através de um passado em comum e pelo fato de serem cristãos, já que eram governados por um rei cristão, diferentemente dos daneses, que eram dominados por supostos reis pagãos.

Na *Crônica Anglo-Saxônica* de 937 d.C, temos o destaque de atribuir o feito de Athelstan e de seu irmão Edmund à sua linhagem: “os filhos de Edward destruíram os escudos de madeira a golpes de martelo, assim como lhes era natural, graças a seus ancestrais que por muitas vezes em

⁴[“Commemorated in verse in the Anglo-Saxon Chronicle, the ensuing battle at Brunanburh was the most decisive military engagement of Æthelstan’s reign [...] Worse than causing the king’s death, defeat would have brought an end to the stability of the wider, pan-English realm that Æthelstan had created, [...] All the military achievements of Æthelstan’s father, Edward, and his aunt Æthelflæd and uncle Æthelred in driving back the Scandinavians from English territory lay in the balance.”]

combate contra os inimigos defenderam sua terra, tesouros e lares” (Medeiros, 2022, p. 285)⁵. Sarah Foot (2011. p. 29-62) ao tratar sobre a família de Athelstan, cita os textos de William de Malmesbury, historiador inglês do século XII, que teria trabalhado com obras que não existem mais. A autora aponta para cuidados na análise de sua documentação, em especial no que diz respeito à *Gesta regum Anglorum*, já que é a única a falar sobre alguns detalhes da vida de Athelstan antes de se tornar rei. Há, acerca dela, um debate historiográfico entre Michael Lapidge, que rejeita o valor histórico dos poemas escritos nessa obra por William de Malmesbury e por outro lado, Michael Wood e R.M Thomson que defendem a utilidade das informações em *Gesta regum Anglorum* (Sarah Foot, 2011. p. 251-258).

Contudo, através destas e outras informações sobre Athelstan e os feitos de seu pai Edward e de seu avô Alfred, podemos apontar o que “lhes era natural” através de ações semelhantes em seus governos. A primeira semelhança trata-se das vitórias contra os vikings pelos três regentes: Alfred dá um fim a 13 anos de avanços dos vikings na batalha de Ethandun em 878, vencendo o exército de Guthrum (Livingston, 2021, p. 62-64). Em 910, o Rei Edward tem uma grande vitória contra os daneses na batalha de Tettenhall, assegurando que posteriormente ele e sua irmã, Aethelflaed, pudesse prosseguir com inúmeras campanhas vitoriosas contra os assentamentos nórdicos nos anos seguintes, ao mesmo tempo que expandem suas fortificações, os chamados ‘burhs’, avançando seus domínios para o norte (Livingston, 2021, p. 72-84). Essa colaboração entre dois irmãos também está presente com Athelstan e Edmund em *A Batalha de Brunanburh*: “Assim, como irmãos unidos, rei e príncipe buscaram seu lar, a terra dos saxões do oeste, exultantes pelo combate”. (Whitelock, 1961, p.70).

Athelstan poderia ter participado da batalha de Tettenhall (Foot. 2011, p. 13), afinal foi enviado pelo seu pai Edward para ser criado no Reino da Mércia pelo seus tios Aethelred e Aethelflaed, que, quando atingiu a maturidade, atuou em batalhas contra os assentamentos escandinavos (Foot, 1996, p. 34-37). Por isso, a sua vitória em Brunanburh não ocorre por apenas repetir feitos semelhantes aos de seus ancestrais, mas por ter participado desses momentos ainda quando jovem, colocando sua experiência em batalhas contra vikings como algo de sua criação. Outro discurso que poderia indicar uma forte conexão com seus ancestrais é a relação descrita por

⁵ No original: “[heowan heapolinde hamora lafan, afaran Eadweardes, swa him geæþele wæs from cneomægum, þæt hi æt campe oft þæt hi æt campe oft land ealgodon, hord and hamas. Hettend crungun, Sceotta leoda and scipflotan fæge feollan,”] (Medeiros, 2022, p. 285, v 6-12).

William de Malmesbury, de Athelstan com seu avô Alfred, que teria considerado o possível futuro herdeiro um promissor e digno regente, além de ter se tornado um exemplo de como governar para seu neto Athelstan (Foot, 1996, p. 31-33).

Outra semelhança está na estratégia aproveitada pelos três de forma oportuna: casar suas filhas ou irmãs com possíveis rivais e aliados. Alfred casa sua filha Aethelflaed com o ealdorman Aethelred da Mércia, com este o considerando como soberano. Na morte de Aethelred em 911, Aethelflaed governa em seu lugar usando da autoridade de Edward, que, na morte de sua irmã em 918, toma rapidamente o Reino da Mércia para si (Foot, 1996, p. 11-14).

Athelstan, visando neutralizar a ameaça de Sihtric da Nortúmbria, consegue casar a sua irmã com o rei nórdico em 926, que morre no ano seguinte, abrindo espaço para Athelstan tomar os territórios de seu falecido cunhado. Fazê-lo ser o primeiro monarca inglês a ter hegemonia política sobre toda a Bretanha. Em seguida, submete os outros monarcas a o aceitarem como soberano em 927, um domínio que se interrompe nos antecedentes da batalha de Brunanburh em 934, mas retorna após o término do conflito (Foot, 1996, p. 18-23). Portanto, o uso da política de casamentos reais serviu para Athelstan assim como para seus ancestrais, que, por rápida iniciativa e coincidência na morte de seus cunhados, conseguiram expandir seus domínios. Além disso, os casamentos de várias outras irmãs organizados pelo seu pai lhe forneceram vantagens, já que pôde ganhar presentes e alianças pelo continente. Em relação aos irmãos, estes tinham um grande valor para a continuação do reinado, já que Athelstan não chegou a se casar e nem produziu herdeiros; por isso, foi engrandecida a menção de Edmund e a própria presença dele na batalha de Brunanburh, por motivos de que ele seria o possível herdeiro do trono neste momento. Alfred e Edward passaram por disputas internas para assumirem o trono; Athelstan quase teria o mesmo problema se não fosse pela morte do seu meio-irmão Alfweard pouco tempo após a morte de Edward. Não tendo filhos como herdeiros, Athelstan promoveu uma transição sem problemas internos para Edmund, seu meio-irmão mais velho (Foot, 1996, p. 22-25).

3 A Batalha de Brunanburh e seus agentes

Para melhor compreender o contexto de Brunanburh, é preciso recuar um pouco no tempo até o início do século X. No ano de 917, após a morte de Aethelflaed, o rei Edward, pai de Athelstan e irmão do governante, submeteu o reino de Mércia ao seu domínio. A partir disso, conseguiu



aproximar-se do reino de Gales, ainda que a aliança com os galeses fosse comum desde os tempos de Alfred. Aliando-se aos mércios e aos galeses, Edward garantiu força suficiente para enfrentar colônias escandinavas que ainda existiam em seu território, conseguindo submetê-las posteriormente (Medeiros, 2014, p. 79). Além disso, em 923, por meio de um acordo, conseguiu a submissão de Constantino, rei dos escoceses, Raegnald, viking que havia tomado o reino de York, Ealdred de Bamburgh e o rei de Strathclyde. Cada representante tinha uma vantagem e um interesse com o acordo. Edward, em particular, estendeu assim as fronteiras do reino que havia legado de seu pai.

Após a morte de Edward, em 924, seu filho, Athelstan logo que foi aclamado rei, recebe a proposta de uma aliança com o rei de York, Sithric, a qual ele aceita enviando sua irmã para casar-se com o monarca, com quem terá um filho, Olaf, que herdará o trono de York. No entanto, com a morte de Sithric, seu irmão, Guthfrith, o rei de Dublin, une-se ao sobrinho e invade a Inglaterra. Athelstan, por sua vez, invade a Nortúmbria e expulsa Olaf e seu tio do reino, evidenciando, segundo Medeiros (2014, p. 74), que seu poder sobre a Inglaterra estava mais consolidado do que havia sido com seu avô, Alfred, mantendo-se em paz até o ano de 933. Nesse momento, Athelstan promove um ataque à Escócia, provavelmente como retaliação a alguma ação ofensiva de Constantino, que, por sua vez, não ofereceu resistência e, consequentemente, o exército de Wessex invadiu o território escocês, obtendo a vitória desejada.

Posteriormente, em 937, irlandeses e escoceses se uniram em um exército para avançar sobre o território da Inglaterra, confrontando-se com o exército de Athelstan no território de Brunanburh. Nessa batalha, sob liderança de Athelstan e seu irmão Edmund, os invasores foram massacrados. Segundo o que consta na Crônica: “Os inimigos caíram, o povo dos escoceses e os homens do mar, tombaram condenados” (Medeiros, 2022, p. 285)⁶. Também, no poema, fica evidente a intenção de exaltar o grande feito de vitória de Athelstan e seu irmão, ao descrever os inimigos que tentaram fugir da batalha e foram mortos, dizendo: “Os saxões do oeste continuaram por todo o dia com sua tropa de elite no encalço da hoste inimiga” (Medeiros, 2022, p. 285)⁷, bem como ao caracterizar a determinação com que seus aliados mércios lutavam: “Os mércios não se recusaram a um duro

⁶ No original: “[Hettend crungun, Sceotta leoda and scipflotan fæge feollan”]. (Medeiros, 2022, p. 284, v. 10-12).

⁷ No original: “[Wesseaxe forð ondlongne dæg eorodcistum on last legdun laþum þeodum”] (Medeiros, 2022, p. 284, v. 20-22).



combate desarmado com qualquer um dos homens que, com Olaf, sobre a turbulência do mar, no fundo de um barco, chegaram à terra, condenados a lutar” (Medeiros, 2022, p. 285)⁸.

Da mesma forma, o poema procura convencer seu leitor a inferir que a superioridade do exército de Athelstan e Edward levou os reis invasores a fugirem para salvarem suas vidas. Sorte que o filho de Constantino não teve ao morrer no campo de batalha, possivelmente pela invasão de seu pai ao território. Inclusive, faz-se questão de dizer que os exércitos de Olaf e Constantino não eram bons o suficiente para derrotar “os filhos de Edward” (Medeiros, 2022, p. 287)⁹, que “buscaram seu lar, a terra dos saxões do oeste, exultantes pelo combate” (Medeiros, 2022, p. 287)¹⁰, ao passo que os invasores envergonhados retornam aos seus territórios como os “sanguinários sobreviventes de lanças” (Medeiros, 2022, p. 287)¹¹. A partir de Brunanburh, Athelstan se tornou o senhor de toda a Inglaterra, sendo o ápice do período alfrediano, visto que ele consolida as obras do avô e dá continuidade à política de seu pai de submeter a região da Nortúmbria, tornando-se rei da Inglaterra (Medeiros, 2014. p. 82).

4 O significado de *A Batalha de Brunanburh* para a identidade nacional inglesa

Nesse cenário, a presença de Brunanburh na *Crônica Anglo-Saxônica* assume um papel crucial não só como rememoração de um evento significativo para a região, mas também incentivo a um discurso de construção da identidade local, buscando validar a unificação inglesa. Afinal, o “povo inglês” não teria se construído a partir de um único grupo germânico, sendo composto justamente pela junção de vários deles. Como exposto por Neame (2016, p. 179), “a composição étnica daqueles que se identificavam como ‘ingleses’ poderia conter genes da Grã-Bretanha, Germânia, Escandinávia e mais”, o que leva à conclusão de que o ideal do “povo inglês”¹² precisou ser algo moldado e imbuído na mentalidade de todos esses grupos, a fim de sustentar o sucesso de uma unificação. Sendo assim, é possível olhar para *A Batalha de Brunanburh* como uma composição intencional com o objetivo de promover o orgulho e a legitimação da dinastia da casa de Wessex. O

⁸ No original: “[“Myrce ne wyrndon heardes hondplegan hæleþa nanum þæra þe mid Anlafe ofer æra geblund on lides bosme land gesohutun, fæge to gefeohte.”] (Medeiros, 2022, p. 284, v. 24-28).

⁹ No original: “[“Eadweardes afaran”] (Medeiros, 2022, p. 286, v. 52).

¹⁰ No original: “[“cyþþe sohton, Wesseaxena land, wiges hremige.”] (Medeiros, 2022, p. 286, v. 58-59).

¹¹ No original: “[“dreorig daraða laf”] (Medeiros, 2022, p. 286, v. 54).

¹² [“the ethnic makeup of those who identified as ‘English’ could contain genes from Britain, Germania, Scandinavia and more”].

estilo de composição, a retórica e as palavras utilizadas tanto para descrever os combatentes de Athelstan, quanto os inimigos, não foram escolhidos por acaso pelo autor.

Em primeiro lugar, os heróis de Brunanburh, Athelstan e Edmund, apresentam de forma clara as características descritas por Bravo (1994) como típicas dos protagonistas da poesia épica anglo-saxã: suas ações refletem sua “lealdade e desejo de fama”¹³ (p. 151), além de uma forte demonstração de religiosidade cristã. Ao serem colocados como defensores de uma nação, Athelstan e Edmund representam também os indivíduos que a compõem. Sendo assim, se a lealdade e fidelidade ao Deus cristão são frisadas nos dois irmãos, há a possibilidade de que seja para contribuir ao desenvolvimento de uma identidade inglesa baseada nesses mesmos valores — valores que se tornam, então, ingleses. Logo, Athelstan e Edmund se encaixam no protótipo do herói épico anglo-saxão que “é um guerreiro que concebe a lealdade como um princípio de sua própria natureza”¹⁴ (Bravo, 1994, p. 153), governantes leais à proteção de seu povo e território.

Os irmãos servem aqui como um modelo do guerreiro inglês a ser seguido, o que significa que sua lealdade ao reino da Inglaterra também deveria ser imitada pelos súditos, principalmente na forma da lealdade ao rei. Em relação ao desejo de fama, entende-se que esse faça referência à “glória por toda a vida obtiveram em batalha”¹⁵ (Medeiros, 2022, p. 285), mencionada no início do poema, isto é, uma espécie de fama de grandeza perante tanto o seu próprio povo, como perante os inimigos. Isto posto, podemos levantar a hipótese de que a designação dos protagonistas como portadores de tamanha magnificência serve para inspirar nos leitores um conjunto de características inglesas admiráveis a serem seguidas, fortalecendo as bases identitárias de tal grupo.

Brunanburh se propõe como um texto de cunho heróico, mas também subverte as lógicas do gênero ao fazê-lo: seus heróis são indivíduos provavelmente contemporâneos à obra e não figuras marcantes e lendárias de tempos anteriores, como é comum em produções de tal escopo. Hartman (2015, p. 204) demonstra que o autor do poema realiza esse desvio das normas para glorificar Athelstan e Edmund, que são então alçados à posição de figuras heróicas lendárias, o que, agregado às condições de realeza de ambos, os coloca em um *status* muito mais significativo para a produção de um discurso identitário local.

¹³ [“lealtad y el deseo de fama”].

¹⁴ [“es un guerrero que concibe la lealtad como un principio de su propia naturaleza”].

¹⁵ No original: [“ealdorlangne tir geslogon æt sæcce”] (Medeiros, 2022, p. 284, v. 3-4).



A partir disso, o povo inglês não contaria somente com um rei que os uniu e ao qual é devida extrema lealdade. Os súditos de Athelstan respondem a um herói em um âmbito quase mítico — Athelstan é superior a um mero governante, sendo um rei lendário, indicado pelo próprio Deus para proteger seu povo. Logo, diferentes indivíduos possuem a figura de dois heróis lendários, Athelstan e Edmund, como algo em comum para ser admirado entre eles, um fator que os une, beneficiando o fortalecimento do pensamento identitário nacional ao amparar o argumento da lealdade a Cristo e ao rei.

Em contrapartida, o poeta de Brunanburh se esforça para caracterizar os irlandeses e escoceses como o oposto dos guerreiros ingleses. Enquanto os combatentes ingleses são identificados no texto como saxões do oeste e mércios, seus oponentes não têm nada no poema que os coloque em posição de pertencimento a uma nação unida:

O poeta não se refere simplesmente aos exércitos por substantivos coletivos de ‘escoceses’ e ‘vikings’, mas em vez disso destaca que são povo dos escoceses e homens do mar. O mesmo pode ser encontrado posteriormente em ‘gumena norþerna’ (...), homens do Norte. Aqui não há nada conectando essas pessoas além de onde elas são. Cada homem tem uma identidade separada — talvez um Senhor separado ou deuses pagãos separados — e só estão ligados pela origem. Compare isso com as vezes em que o poeta se refere diretamente aos ingleses; ‘Wesseaxe’, os Saxões Ocidentais, ‘Myrce’, os Mercianos.¹⁶ (Neame, 2016, p. 180).

Como colocado acima, não há uma coletividade na descrição desses povos, em contraste com as palavras utilizadas para descrever os ingleses. O que os define é o lugar de onde saem, como vemos no uso de “povos/homens do...” — não há outro fator compartilhado em sua cultura que os une. A falta de coletividade implica, então, que não há muito em comum entre esses povos, não há algo semelhante o suficiente entre aqueles que os compõem para que sejam identificados como um só.

Essa caracterização faz saltar aos olhos do leitor a própria descrição dos ingleses, como se estes sim fossem portadores de uma cultura e sociedade comum que os colocaria não apenas como um povo que vem de alguma região, mas um povo *inglês*. Eles não são meramente homens da

¹⁶ “[“The poet does not simply refer to the armies by collective nouns of ‘Scots’ and ‘Vikings’, but instead highlights that they are people of the Scots and seamen. The same can be found later in ‘gumena norþerna’ (...), men of the North. Here there is nothing connecting these people other than where they are from. Each man has a separate identity—perhaps a separate Lord or separate, pagan Gods—and are only linked by where they are from. Compare this to the times the poet refers directly to the English; ‘Wesseaxe’, the West Saxons, ‘Myrce’, The Mercians.”].

Inglaterra ou da Mércia, são mercianos, saxões do oeste: são *ingleses*. E não são conectados somente pelo citado acima, bem como pela sua religião e devoção a um rei que lhes foi designado por um único Deus. São um povo cristão unificado, superior aos pagãos que não respondem a um único senhor — seja no âmbito da religião ou da política. Logo, os guerreiros do poema de Brunanburh são ingleses ligados por tudo o que há em comum entre eles — pois, como explicado por Neame (2016, p. 181) “Uma Igreja, um povo e uma fé poderiam prefigurar uma unidade política.”¹⁷ — mas também por tudo o que há de diferente entre aqueles que os enfrentam. Por meio desse viés, cria-se uma necessidade de união entre os saxões do oeste e os mérrios para derrotar indivíduos que ameaçam a ambos. Dessa forma, *A Batalha de Brunanburh* incita mais uma vez a construção de uma identidade inglesa nos receptores do texto.

Aqui, notamos como a semelhança entre uns se instaura nas mentalidades pela construção de uma outridade, baseada na diferenciação e no estabelecimento do “nós” (os ingleses) como superiores a tudo aquilo que se vê de contrário no “outro”, constantemente inferiorizado. Ou seja, ao colocar a identidade nacional inglesa como construída na inferiorização daqueles que supostamente não compartilham das mesmas condições culturais e políticas que se consideram essenciais para a gênese de um povo unificado, estamos falando de “a parte específica da identidade que se concebe a partir da relação com o Outro”, como posto por Neckel (2021, p. 14).

A sugestão de uma superioridade inglesa também se manifesta no poema na própria argumentação do autor. Para falar sobre *A Batalha de Brunanburh*, o texto se desenvolve com foco não no próprio combate, mas no que veio após, fazendo questão de ressaltar a vergonha e a derrota dos inimigos, o que traz à luz a grandiosidade dos ingleses, que lograram arrasar os “outros” de forma tão intensa. O cenário descrito pelo poeta é o resultado sangrento de um embate violento, que desemboca em cadáveres inimigos sendo devorados por pássaros e lobos. A descrição de tal cena é encaminhada de modo a provocar repulsa ao leitor, sentimento que enfatiza não a bravura inglesa (como é feito no início do poema), mas a humilhação dos demais e a destruição de seus homens. Os “outros” são expostos como homens que se esforçam para derrotar os ingleses, mas ainda assim logram fracassar, enquanto a batalha nem sequer lhes parece um desafio — o próprio texto o cita como sendo algo natural.

Ademais, sobre o que se segue à cena supracitada:

¹⁷ [“one Church, one people and one faith could prefigure a political unity.”].



Nunca havia ocorrido tamanha matança nesta ilha até hoje, de um exército perecer, antes disso, pela ponta da espada, assim como nos contam os livros, os velhos sábios, antes que, do leste, para cá, anglos e saxões viessem sobre o grande mar, buscando a Bretanha; valorosos guerreiros subjugaram os galeses, gloriosos heróis que conquistaram esta terra (Medeiros, 2022, p. 287).¹⁸

O relato de Brunanburh não deixa de fazer referência ao passado anglo-saxão e às batalhas vencidas por seus ancestrais durante tal época. A luta é algo imbricado na natureza do povo inglês devido a todas as vitórias de seus antepassados, como indicado logo no início do poema. Destaca-se aqui a ideia de que os ingleses descendem de grupos carregados de bravura e habilidade bélica, sendo apenas lógico que estes também o fossem. E mais, seus antepassados conseguiram defender o território de inúmeros ataques, como eles o fazem com os inimigos agora. Tal situação se encaixa em um dos elementos cruciais apontados por Davies (2004) para a construção de uma identidade nacional, “um sentido de identidade histórica para si mesmos, o que reforça e justifica seu senso de distinção.”¹⁹ (p. 574). Assim, o elemento da ancestralidade também desempenha um papel chave no estímulo a um orgulho em pertencer a tal grupo: esses indivíduos são unidos pela fé, pelo rei e seu status de lenda heróica, pela cultura e por todos aqueles que protegeram seu território, sendo algo que possuem em comum por muito tempo antes do ocorrido em Brunanburh.

5 Considerações finais

No que diz respeito ao papel da ancestralidade para a construção dessa nova identidade inglesa, o poema *A Batalha de Brunanburh*, coloca Athelstan e Edmund como membros de uma aristocracia heróica, ou seja, assim como seus longínquos ancestrais que vieram para a Bretanha como guerreiros e conquistadores desta terra, estes também obtiveram a chance e o dever de vencer seus inimigos em batalha. Os esforços políticos que despontaram com Alfred continuam com seus sucessores na formação de um reino unificado da Inglaterra. Assim, é destacado no poema a figura

¹⁸ No original: [“Ne wearð wæl mare on þis eiglande æfre gieta folces gefyllled beforan þisum sveordes ecgum, þæs þe us secgað bec, ealde uðwitan, siþban eastan hider Engle and Seaxe up becoman, ofer brad brimu Brytene sohton, wlance wigsmiþas, Wealas ofercoman, eorlas arhwate eard begeatan.”] (Medeiros, 2022, p. 286, v. 65-73).

¹⁹ “[a sense of historical identity for themselves, which both bolsters and justifies their sense of distinctiveness”].

de seu filho Edward, que avança as suas conquistas pelo território da Bretanha e finalmente se completa e mantém-se com os irmãos Athelstan e Edmund.

A partir de poemas como *A Batalha de Brunanburh*, verifica-se a consolidação de um ideal aristocrático que seria pautado no heroísmo e no cristianismo, tendo como seus maiores representantes as figuras dos reis e seus guerreiros. Observamos, então, o empenho literário em criar uma identidade especificamente inglesa, que deveria se inspirar em heróis nacionais como os de Brunanburh. A descrição do conflito ocorrido em Brunanburh torna-se também parte essencial de um pano de fundo cultural para a identificação de indivíduos como um corpo socialmente interligado. Conforme explicitado também por Foot (1995, p. 28),

O que a retórica Alfrediana faz é promover a noção de que todos os súditos germânicos do rei saxão ocidental eram essencialmente um “tipo inglês”. A identidade comum dos Saxões Ocidentais, Mercianos e dos homens de Kent como a Angelcynn foi definida pela máquina da Saxônia Ocidental especificamente com referência à sua diferença em relação aos sujeitos ao domínio dos daneses [...], e à sua causa comum sob um líder em oposição aos daneses, mas também, de forma mais geral, no sentido de um povo com uma herança comum, uma fé e uma história partilhada.²⁰

Dessa maneira, Brunanburh passa de um acontecimento histórico para ser uma ferramenta utilizada pela Casa de Wessex na promoção de uma *angelcynn*, uma comunidade verdadeiramente inglesa, unida sob os povos saxões do oeste e mercianos, um projeto que Alfred teria começado anteriormente e seguiu-se com seus descendentes. Além disso, novamente se nota a diferenciação dos ingleses de outros povos a partir da construção da noção de um “outro”, figurado pelos daneses.

Assim, fica claro que a escolha de palavras, da estrutura textual e dos pontos de vista e cenários para realizar a descrição da batalha na *Crônica Anglo Saxônica* é completamente intencional, possuindo um objetivo muito bem demarcado. É através da promoção de tal noção que esses grupos se mesclam, seja no imaginário político, ou no imaginário popular, em um único povo, os ingleses. Em suma, o que concluímos a partir da análise desse documento histórico é como o uso da retórica se fez presente durante o período de Wessex, algo que pode ser observado claramente no

²⁰ “[“What the Alfredian rhetoric does is to advance the notion that all the Germanic subjects of the West Saxon king were essentially one “Englishkind”. The common identity of the West Saxons, Mercians and the men of Kent as the Angelcynn was defined by the West Saxon court machine specifically with reference to their otherness from those subject to Danish rule [...], and their common cause under one leader in opposition to the Danes, but also more generally in the sense of one people with a common heritage, one faith and a shared history.”].

texto *A Batalha de Brunanburh*, que emprega diversos artifícios textuais para corroborar a narrativa legitimatória de tal grupo no poder.

Referências

- BARROW, J. & WAREHAM, A. **Myth, Rulership, Church and Charters:** Essays in Honour of Nicholas Brooks. Aldershot: Ashgate, 2008.
- BARTHES, R. **On Racine.** Nova York: Performing Arts Journal Publications, 1983, pp. 153-172.
- BRAVO, A. La caracterización del héroe en la poesía épico-heroica del inglés antiguo. **Cuadernos del CEMYR**, San Cristóbal de La Laguna, n. 1, p. 143-160, 1994.
- FOOT, S. **Athelstan:** the first king of England. New Haven: Yale University Press, 2011.
- FOOT, S. The Making of Angelcynn: English Identity before the Norman Conquest. **Transactions of the Royal Historical Society.** 1996. p. 25-28.
- HARTMAN, M. E. Style and politics in The Battle of Brunanburh and The Battle of Maldon. In: ADAMS, Michael; BRINTON, Laurel J.; FULK, R. D. (ed.). **Studies in the History of the English Language VI.** Berlim: De Gruyter Montton, 2015. p. 201-217.
- LAPIDGE, M.; BLAIR, J.; KEYNES, S.; SCRAGG, Donald. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England.** 2. ed. Chichester: WILEY Blackwell, 2014.
- LIVINGSTON, M. **Never Greater Slaughter:** Brunanburh and the Birth of England. Bloomsbury Publishing, 2021.
- MEDEIROS, E. O. S. de. A batalha de Brunanburh. In: MEDEIROS, E. O. S. de. **Beowulf e outros poemas anglo-saxônicos (séculos VIII-X).** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2022. p. 283-287.
- MEDEIROS, E. O. S. de. **O Rei, O Guerreiro e O Herói:** Beowulf e sua Representação no mundo germânico. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2006.
- NEAME, G. English nationalism in ‘The Battle of Maldon’ and “The Battle of Brunanburh”. **Innervate**, Nottingham, v. 8, p. 179-183, 2016.
- NECKEL, K. J. **Situações de Outridade:** a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731-899). 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.



ARTIGO

CENTÚRIAS – REVISTA ELETRÔNICA DE HISTÓRIA
Revista do Programa de Educação Tutorial – PET/MEC
Universidade Estadual do Ceará - UECE



DAVIES, R. Nations and National Identities in the Medieval World: An Apologia. **Journal of Belgian History**, Anderlecht, n. 4, p. 567-579, 2004.

WHITELOCK, D. **The Anglo-Saxon Chronicle**. London, 1961.

Recebido em 14 de maio de 2025.

Aceito em 09 de junho de 2025.

Publicado em 16 de junho de 2025.

